

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

ATRAVESSAMENTOS DO USO DE MÍDIAS DIGITAIS NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA DE BEBÊS¹

THE USE OF DIGITAL MEDIA AND THE FIRST YEARS OF LIVE OF BABIES

Jomara Manica de Bittencourt², Amanda Schöffel Sehn³

¹ Trabalho Realizado na disciplina de Correntes do Pensamento Psicanalítico

² Aluna do Curso de Psicologia da UNIJUI, jomarab@terra.com.br

³ Professora do Curso de Psicologia da UNIJUI, amanda.sehn@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

A infância é um período marcado por intenso desenvolvimento, em especial, nos primeiros três anos de vida do bebê, que permitirá a aquisição da fala e da marcha, dentre outras conquistas. Também é nesse momento que ocorre o nascimento psicológico da criança, segundo Mahler (1982). É quando o bebê o descobre seus cheiros, cor, sabores; seus olhos e ouvidos absorvem o que as pessoas fazem e dizem; quer tocar, observar, sentir e explorar o ambiente, cada detalhe aviva sua curiosidade.

As tecnologias da informação e comunicação estão transformando os comportamentos e relacionamentos de todas as pessoas. Em conversas, é frequente que haja a interrupção de um interlocutor pelo uso do celular, levando a relações marcadas pela presença ausente, em que se tem menos contato visual, pouca atenção e menor interação. (McDANIEL; RADESKY, 2018). Crianças e adolescentes fazem parte da geração digital e usam mídias (celular, tablet, televisão) em idades cada vez mais precoces e em todos os lugares. Pelo fato de os pais/cuidadores também estarem imersos na tecnologia, há dificuldade, muitas vezes, em delimitar o uso que a criança faz de dispositivos eletrônicos. Isso aponta para um atravessamento das mídias digitais nas interações familiares, com respostas parentais menos sensíveis às necessidades das crianças. (McDANIEL; RADESKY, 2018).

Preocupada com o uso excessivo das mídias digitais e os desdobramentos disso para o desenvolvimento infantil, a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) lançou um manual, a fim de orientar pais e cuidadores acerca do uso de tecnologia. Este documento recomenda que o tempo de uso diário das mídias digitais seja limitado e proporcional à idade e às etapas de desenvolvimento das crianças e adolescentes. A indicação é de que até os 12 meses o bebê não seja exposto à tecnologia e entre 2 e 5 anos o tempo de exposição não exceda 60 minutos.

Diante do exposto, pergunta-se: em que idade pode-se apresentar o mundo virtual aos bebês, sem que haja prejuízo em seu desenvolvimento físico e psíquico? As telas (tablets, notebooks, televisão ou celulares) são apropriadas para bebês? Quais as repercussões das mídias digitais para o nascimento psicológico da criança? Estes são alguns questionamentos que tanto pais e educadores, como profissionais da saúde se fazem diariamente neste mundo conectado. Assim, o objetivo deste estudo foi investigar os atravessamentos do uso de mídias digitais (tablets, celulares, televisão) nos primeiros anos de vida do bebê. Também se pretende explorar o uso de tecnologia pelos pais e as suas repercussões na interação familiar.

Palavras-chave: tecnologia móvel, infância, pais, desenvolvimento infantil

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Keywords: mobile technology, infancy, parents, child development

METODOLOGIA

O uso da tecnologia e suas inovações fazem parte do cotidiano das pessoas e, por esse motivo, tem sido importante refletir acerca dos impactos que pode causar sobre as crianças de 0 a 3 anos e as interações familiares. Para tanto, foi realizada uma revisão narrativa da literatura cuja escolha pelos textos se deu de forma arbitrária, de acordo com os interesses do pesquisador, conforme destaca Cordeiro et al. (2007). Nesta modalidade de revisão a busca de dados não é pré-estabelecida, permitindo a discussão de determinada temática do ponto vista teórico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender os possíveis atravessamentos do uso de mídias digitais nos primeiros anos de vida do bebê, é necessário elucidar os processos psíquicos concernentes a esta faixa etária. Para Mahler (1982, pg. 105) “o nascimento fisiológico do bebê humano não coincide de modo algum com seu nascimento psicológico”, pois enquanto o primeiro é marcado no tempo, o último é entendido como um processo lento que requer investimento do outro para que se concretize. Para a autora, o nascimento psicológico da criança ocorre em torno dos 3 anos e inclui passar por diferentes fases e subfases. (MAHLER, 1982). A primeira, nomeada como fase autística normal, compreende os primeiros meses de vida do bebê, e é marcada por longos períodos de sono, intercalados com a vigília e o atendimento das necessidades fisiológicas. Em seguida, tem-se a fase de simbiose normal, em torno do primeiro ao quarto mês, que é quando mãe e bebê são uma unidade e o bebê depende absolutamente da mãe.

Segue, então, o processo de separação e individuação, marcado por quatro subfases, em que a separação consiste na saída do bebê da fusão simbiótica estabelecida com a mãe, enquanto a individuação é marcada por aquisições que permitem à criança ir assumindo suas próprias características. (MAHLER, 1982). A diferenciação tem início em torno dos 4/5 meses e se concretiza aproximadamente aos 6/7 meses, quando o bebê passa a olhar e explorar o ambiente ao seu redor, permitindo uma diferenciação com o cuidador (ex.: quando o bebê puxa o brinco ou óculos da mãe). Em seguida, a exploração é marcada pelo início de aquisições motoras como sentar, engatinhar e caminhar, estando situada entre os 7/10 meses e os 15/16 meses, permitindo a exploração do ambiente de forma mais ampla, sendo comum a criança voltar ao cuidador em busca do que Mahler (1982) nomeou como reabastecimento emocional. Na reaproximação, que ocorre entre os 16 e os 25 meses, o bebê torna-se mais seguro em relação à marcha, em que também estão presentes outras capacidades cognitivas, que permitem maior percepção em relação à separação da mãe, o que lhe causa certo grau de ansiedade. Por fim, tem-se a subfase de constância libidinal, em que há a consolidação da individuação, aproximadamente aos três anos, momento que a criança internaliza uma imagem gradual do cuidador, o que permitirá um funcionamento separado.

Ao se considerar que o desenvolvimento do bebê ocorre pela combinação da genética com as relações do ambiente em que a criança se encontra (JERUSALINSKY, 2002), é preciso ponderar sobre a rotina e a vida das crianças e, conseqüentemente, o atravessamento que o uso de tecnologias pelos pais e pela própria criança pode produzir no nascimento psicológico.

Nessa direção, Jerusalinsky (2017) aponta que os pais estão sempre online, caracterizando o

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

ambiente atual em que as crianças estão vivendo. Quando os pais estão brincando e ocorre uma chamada no celular, em função do trabalho, a brincadeira é interrompida. Dessa forma, as crianças acabam convivendo com pais sempre ocupados, focados nas telas, que acabam caindo na tentação de usar as telas como “calmante” para a criança, ocupando-a, para assim ter um tempo só para si, ou então, para poder executar as tarefas domésticas.

A partir disso, é possível assinalar que o uso de tecnologias pode dificultar a separação e a individuação, pois o bebê demora a perceber onde é seu corpo e onde começa o do Outro, pois, ao estar absorto nas telas, pouco reconhece o mundo ao seu redor. Nessa direção, Bernardino (2017) destaca que a relação com as telas deixa o corpo de fora, tanto o corpo do bebê como dos outros humanos, trazendo implicações para a constituição subjetiva, pois é a articulação corpo/linguagem que vai permitir a entrada no circuito pulsional, uma vez que ao ser investido libidinalmente (erogenizado) o corpo do bebê passa a ser representado psiquicamente e entra no campo do desejo do Outro, aparecendo como sujeito de seu próprio desejo. Com as telas, a entrada no circuito pulsional fica comprometida, de modo que a criança não sabe muito bem o que fazer com o seu corpo, pois o processamento das imagens/cenas/palavras pelas telas demanda dela unilateralmente, ao que ela responde passivamente. Como consequência, tem-se uma criança que praticamente não movimentava seu corpo, o que repercute diretamente na sua motricidade ampla (explorar o ambiente por meio do correr, pular, dançar e movimentar o corpo). Por outro lado, a motricidade fina passa a ser amplamente demandada. Isso também traz consequências para o brincar e, conseqüentemente, para a constituição psíquica, uma vez que o corpo é condição para que surja um sujeito. (JERUSALINSKY, 2002).

Para Dunker (2017), os dispositivos eletrônicos acarretam em prejuízos para o desenvolvimento da atenção da criança e criam uma ilusão em que o outro está sempre disponível. As telas sempre ligadas também comprometem o simbólico (que é construído pela ausência/presença), pois se estabelece aí uma relação padronizada, a partir da qual a criança não aprende sobre a regulação do seu comportamento e emoções. Em outras palavras, o bebê não encontra um interlocutor para as suas emoções, pois ao sorrir não encontra alguém que lhe ofereça um sorriso como resposta, convocando a pensar sobre as novas formas de cuidado e educação das crianças.

As mídias digitais também têm servido como “chupeta eletrônica”, conforme nomeado por Dunker (2017), uma vez que as telas reagem apenas aos gestos e a criança pensa que o outro tem o dever de agradá-la e estar à sua disposição. Isso não só acarreta prejuízos para a formação do sistema viso-motor ou da atenção, mas estabelece uma novidade intersubjetiva que tem consequências para a constituição psíquica. (DUNKER, 2017). Nesse sentido, ao refletir sobre o processo de separação-individuação (MAHLER, 1982), pode-se pensar que a subfase de reaproximação pode gerar ansiedade ao bebê, por se dar conta da separação, levando a comportamentos de birra e manha, momentos em que a tecnologia pode servir justamente como “chupeta eletrônica”. As telas ajudam a pacificar a criança, sendo uma alternativa para driblar a necessidade de presença do adulto cuidador, propondo novos estímulos visuais e acústicos, eliminando o tempo de invenção lúdica, de trocas e de interesse pelo outro. McDaniel e Radesky (2018) apontam que os pais costumam oferecer o celular/tablet ao filho como uma ferramenta para acalmá-lo quando estão chateados, e para manter o silêncio e tranquilidade na casa. Os autores ainda indicam que a presença de telas durante as interações familiares tem indicado uma diminuição nas interações verbais e não verbais com as crianças, assim como respostas menos sensíveis às suas necessidades.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Entretanto, nesse momento do desenvolvimento, o que o bebê necessita é justamente de um Outro, disponível e atento, para que possa identificar as suas necessidades para, então, atendê-las, de modo a inserir este sujeito no campo da linguagem. (BERNARDINO, 2017). As mídias digitais, por sua vez, se atravessam à esse processo, sendo que a presença do outro (e do seu corpo), muitas vezes, tem sido substituída por uma tela, que responde passivamente às inúmeras reações e demandas do bebê, em um tempo da sua constituição no qual a presença real é imprescindível. Compromete-se, assim, o processo de separação e individuação, uma vez que a criança se vê, muito mais voltada às telas do que ao mundo ao seu redor. A isso, soma-se o fato de que, por vezes, é também o adulto cuidador que está conectado às tecnologias durante a interação com a crianças. Brincadeiras de esconde-esconde, trocas de olhares e sorrisos, assim como gestos são momentos que oferecem a criança experiências constitutivas, que precisam ser mediadas por um outro, o que não está presente quando a interação se dá por uma tela, seja a criança estando conectada a ela ou o adulto.

Este tempo dedicado às telas apresenta o risco de privar o bebê daquilo que ele mais necessita: da interatividade com seus cuidadores, com outras crianças e com o mundo. O sujeito, ao estar conectado, está exposto à rápida velocidade de imagens, que acabam sobrecarregando o sistema perceptivo, pois é necessário um tempo para fazer a elaboração daquilo que está sendo exposto. Também há uma ruptura dos laços sociais, sendo possível pensar que a internet transformou as formas do sujeito relacionar-se. (JERUSALINSKY, 2017).

Mesmo que a tecnologia faça parte da evolução do homem, e não há como afastá-la da vida das pessoas, é preciso pensar nos reflexos do uso excessivo e nos impactos na relação com o outro. Por isso, Bernardino (2017) propõe que, pelo fato de a constituição psíquica estar em curso no bebê e na criança pequena, o uso de mídias digitais pode causar danos, gerando dependência e, na maior parte das vezes, colocando o bebê numa posição de objeto, pois ele é passivo à tela ficando, portanto, alienado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de mídias digitais por crianças de 0 a 3 anos de idade tende a ser prejudicial, por privar o bebê e/ou a criança pequena da interação com o outro, num momento crucial da sua constituição psíquica, quando se faz imprescindível a presença do adulto real e implicado corporalmente. Além disso, há que se considerar também o fato de que há poucas informações sobre as consequências ou efeitos do uso de mídias digitais ao longo da vida, sendo que são necessários mais estudos acerca deste assunto. Portanto, esses aspectos levam a refletir que o uso precoce de tecnologia pode trazer rupturas para o nascimento psicológico da criança, sendo utilizado como um substituto do cuidador. Importa ainda destacar que a subjetivação do bebê também é atravessada pelo uso que os pais fazem dos dispositivos eletrônicos, o que leva a maiores interrupções durante a interação, menores níveis de atenção e responsividade às necessidades do bebê. Faz-se urgente (re)pensar a importância de estabelecer limites no uso da tecnologia, em função de seus atravessamentos para as relações humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. Da babá “catódica” aos duplos virtuais: os novos ‘outros’ da infância contemporânea. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. (org.). Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma, 2017. p.146-165.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. Rev. Col. Bras. Cir., Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428 – 431, Dec. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-69912007000600012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 jun. 2020.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Intoxicação Digital Infantil. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. (org.). Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma, 2017. p.117-145.

JERUSALINSKY, Julieta. Que rede nos sustenta no balanço da web? – o sujeito na era das relações virtuais. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. (org.). Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma, 2017. p.13-38.

JERUSALINSKY, Julieta. Temporalidade e desenvolvimento. In: JERUSALINSKY, Julieta. Enquanto o Futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês. Salvador: Ágalma, 2002. p.149- 173.

MAHLER, Margaret. O Processo de Separação-Individuação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

McDANIEL, Brandon; RADESKY, Jenny. Technoference: Parent Distraction With Technology and Associations With Child Behavior Problems. Child Development, v. 89, n. 1, p. 100-109, Jan./Fev. 2018. DOI: 10.1111/cdev.12822. Disponível em: <https://srd.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/cdev.12822>. Acesso em 17 jul. 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. #MENOS TELAS #MAIS SAÚDE, 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21511d-MO_-_UsoSaudavel_TelasTecnolMidias_na_SaudeEscolar.pdf. Acesso em 15 jul. 2020.

Parecer CEUA: 2208566